

JOÃO DE CASTILHO, LUCAS FERNANDES E O PORTAL DA IGREJA DA MISERICÓRDIA DO SARDOAL¹

Ricardo J. Nunes da Silva²

ESART/IPCB; ARTIS/FLUL

Resumo

Por intermédio da investigação documental quinhentista existente no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, tornou-se possível clarificar um conjunto de incertezas historiográficas em torno do processo construtivo da igreja da Misericórdia, sobretudo, quanto à sua cronologia e os mestres envolvidos na respetiva empreitada. Desse modo, o elenco documental remanescente revela-nos que a reconstrução da igreja da Misericórdia sardoalense partiu de uma traça elaborada por João de Castilho e a execução da empreitada ficou a cargo de Lucas Fernandes, do pedreiro natural de Coimbra, que arrematou a obra pelo valor de 120.000 reais.

Palavras-Chave: João de Castilho, Lucas Fernandes, Sardoal, Arquitetura, Renascimento, Misericórdia.

Abstract

Throughout the documental investigation existing in the Historical Archive of Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, it became possible to clarify a set of historiographical uncertainties around the construction process of the Church of Misericórdia, mainly regarding its chronology and the architects involved in its construction. Therefore, the documentation revealed us that the reconstruction of the Misericórdia church in Sardoal had its starting point in a project by João de Castilho and its execution was undertaken by Lucas Fernandes, a mason from Coimbra, who has finished the work for 120,000 reais.

Key-words: João de Castilho, Lucas Fernandes, Sardoal, Architecture, Renaissance, Mercy.

¹ Aproveitamos o ensejo para realizar um agradecimento ao diretor da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, Sr. João Carola, pela disponibilidade demonstrada por nos acompanhar durante o trabalho de campo e pelo acesso ao arquivo e respetivo acervo documental. Sob o mesmo intento efetuamos um agradecimento a Fernando Grilo, Joana Balsa de Pinho e a Vítor Serrão pelas contribuições realizadas para a concretização deste trabalho.

² ricardo.silva@ipcb.pt

Em pleno centro histórico, a escassas ruas da igreja matriz, ergue-se a igreja da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal (Fig. 1). No local onde hoje está instalado o edifício assistencial sardoalense terá existido uma pequena ermida que, segundo narra a historiografia local, terá sido mandada edificar pelo rei D. Fernando I e a rainha D. Leonor, em 1370 (Moleirinho, 2001: 81; Valente, 2002: 23). Contudo, desta ermida nada resta. Posteriormente, conforme refere Costa Goodolphim, no mesmo espaço, como antecedentes do espaço da Misericórdia, edificou-se uma albergaria³ (Goodolphim, 1897; Dias, 1998: t2: 61-63; Paiva, 2003: 156) e um Hospital sob a denominação de Santa Maria⁴ (Goodolphim, 1897; Moleirinho, 2001: 39; Paiva, 2003: 185-186; Pinho, 2013). Também deste conjunto nada se identifica, fruto sobretudo da renovação arquitetónica que o edifício foi sujeito, provavelmente, nos finais do século XV ou início do século seguinte. Dessa campanha de obras conserva-se ainda hoje, na fachada lateral do lado da epístola, um portal composto por um arco acairelado com romãs inscritas nos pequenos arcos.

Contudo, o edifício que hoje se ergue em plena zona histórica do Sardoal corresponde a outra realidade. Por intermédio da documentação publicada por João da Cunha Matos (Matos, 2010), porém nunca tratada do ponto de vista historiográfico, sabemos que o edifício foi reconstruído entre 1550 e 1552. De sobriedade estrutural, o edifício é composto por uma nave única e capela-mor (Fig. 2), todavia, apesar de toda a sua simplicidade, este espaço assistencial



Fig. 1 - Sardoal, Igreja da Misericórdia.

destaca-se pelo seu portal principal de gosto renascentista, que ao pautar a fachada mostra-nos um fino talhe de pedra e revela-nos uma mão segura na modelação das formas.

Se hoje temos certezas quanto ao processo construtivo e quais os seus respetivos intervenientes, o facto é que nem sempre estas realidades foram claras. Durante décadas a historiografia apontou o ano de 1511 como sendo a data correspondente à construção do edifício, apoiando-se, sobretudo, na data que se encontra cronografada numa das pilastras do portal (Fig. 3). Este facto levou que a igreja da Santa Casa da

³ Em Santarém, no dia 7 de janeiro de 1437, o rei D. Duarte dirige uma carta às justiças de Abrantes onde (...) *informa da situação jurídica de uma albergaria que fora instituída no Sardoal, por Lourenço Eanes e Clara Peres, sua mulher, assim como da doação que dela fizera a Afonso Peres Cotrim, escrivão da câmara, e a todos os seus herdeiros, para que a administrassem juntamente com os bens que lhe estavam anexos, com a condição de mandarem dizer todos os anos cinco missas pela alma dos defuntos (...)*. (IANTT, Chancelaria, de D. Duarte, liv. 1, fl. 132-133).

⁴ Na cidade de Évora, D. João II, na véspera de Natal de 1481, dirige uma carta aos juizes da vila de Abrantes, sobre administração da Confraria e Hospital de Santa Maria do Sardoal, onde afirma, (...) *após a realização de uma inquirição e da observação dos respectivos regimentos que aquela deve ser entregue aos confrades e mordomos da dita confraria e não a Diogo Gil, morador nesse local, que a solicitara ao rei, sob pretexto de não se governar de acordo com o regimento estabelecido pelos seus instituidores (...)*. (IANTT, Leitura Nova, liv. 3 da Estremadura, fl. 201-201v).



Fig. 2 - Sardoal, Igreja da Misericórdia, interior.

Misericórdia da vila de Sardoal se enredasse num conjunto incertezas e equívocos historiográficos.

Todavia, por intermédio da documentação remanescente que se encontra atualmente depositada no arquivo da Santa Casa da Misericórdia sardoalense, podemos afirmar que a data de 1511 não tem qualquer correspondência com a realidade histórica, aliás, como intuiu de forma assertiva Lurdes Craveiro (Craveiro, 2004) que sugere a existência de uma intervenção entre 1530-1540 (Craveiro, 2009: 117). A autora, quer a propósito da capela dos Mareantes (1511), em Caminha, quer para a data de 1511 patente na igreja da Misericórdia de Sardoal, salienta a existência de um logro, referindo que a historiografia quis ver uma *expressão pioneira em Portugal dos labores* “ao

romano” aplicados à arquitetura (...) destes espaços arquitetónicos (Craveiro, 2004:70). Por acréscimo, também a autoria do portal foi alvo de considerações, tendo a historiografia atribuído a obra do portal renascentista a Nicolau de Chanterene ou a algum dos seus discípulos (Valente, 2002: 23).

Como referimos, o edifício que hoje observamos é fruto de uma renovação que ocorre entre os anos 1550 e 1552. A documentação remanescente possibilita reconstituir grande parte do processo administrativo e projetual desta obra, assim como esclarece o envolvimento de João de Castilho, então mestre das obras do convento de Cristo e dos pedreiros Lucas Fernandes (natural de Coimbra), Gaspar Dinis, João Fernandes e Diogo Fernandes – estes três últimos são identificados como sendo moradores na vila do Sardoal.



Fig. 3 - Sardoal, Igreja da Misericórdia, portal, cartela.

O início do processo para a realização das obras no edifício da Misericórdia de Sardoal, ocorre no período em que na vila de Tomar, João de Castilho, então mestre das obras do convento de Cristo, se encontra envolvido na execução do Noviciado do complexo monástico da Ordem de Cristo e da ermida de Nossa Senhora da Conceição (Silva, 2018). Sendo a figura mais destacada do panorama construtivo e a

empreitada do convento de Cristo a mais emblemática do seu tempo, levou a confraria da Misericórdia sardoalense procurar os préstimos de João de Castilho e da sua oficina.

Decorria então o ano de 1550, quando, por determinação régia, a Misericórdia de Sardeal se encontrava privada de despender dinheiro (Matos, 2010: 11), quer na compra de rendas quer de propriedades (Matos, 2010:11)⁵. Assim, face à determinação régia, mas com alguma soma pecuniária, a confraria investe na renovação da sua casa da Misericórdia.

Pela leitura e análise do livro de atas da confraria, sabemos que o complexo da Santa Casa tinha a necessidade de obras urgentes, para tal, a 27 de julho, determinou-se, após reunião entre os confrades, que alguns homens da vila do Sardeal se deslocassem a Tomar para

*pydyr a Joam de Castylho que quysese vyr a esta vylla por amor de Noso Senhor a ver esta casa ou mandar hum ofyçyall que elle confiase pera com seu conselho se fazer esta obra*⁶.

No seguimento do documento anterior, a ata da confraria de 17 de agosto⁷, revela que Castilho, então já com uma idade avançada (as assinaturas que o mestre efetua mostram uma clara

debilidade física (Silva, 2018), não se deslocou ao Sardeal, em seu lugar enviou dois dos seus oficias (a ata não adiante os seus nomes) que

*vyrão ha obra e oulharão ho que lhe millhor parecya e elles deram disso parecer a Joam de Castylho e nos mandou a traça della e sua detrymynação*⁸.

O registo da reunião dos confrades da Misericórdia sardoalense fornece alguns dados que permitem perceber os contornos propostos pelo traçado elaborado por João de Castilho. Pelos dados disponíveis é possível saber que o antigo edifício teria outra orientação. O novo projeto que é agora proposto pela oficina de João de Castilho leva a que se proceda ao derrube da antiga capela-mor e nesse mesmo local, para além da criação de um terreiro, deve-se erguer a fachada principal do edifício com a instituição de um novo portal, todo ele executado em pedra de Tomar (assim determina a nota documental): o

*portall prinçipall se faça no arco da capella que agora hé e que ha capella se derube e se faça nella hum tyreyro com huns degraos pera ha rua*⁹.

Do mesmo modo, determina-se que a nova capela-mor (a construir no lado nascente) passe a ocupar o lugar onde se encontram as casas que foram de Álvaro Casal: *que se mude a capella pera has casas que foram d'Alvaro do Casal*. A par desta

⁵ A documentação revela que, na primeira metade do século XVI, a Santa Casa da Misericórdia de Sardeal detém um património de relevo, facto que se pode observar pelas alienações que vão realizando ao longo dos anos para fazer face às despesas correntes, mas também para aquisição de bens artísticos para a casa. A 27 de abril de 1550, o provedor, irmãos e confrades da dita casa acordaram em realizar uma larga despesa para a aquisição de (...) *hum pontifycall de damasquo brãoquo, haviastre de sytym avylutado cremisim e com as gornisões, hum frontall do mesmo, item duas toalhas de Frãodes, item hum calis de prata dourado com suas capaynhas, item humas galhetas de prata, item huma caxa de veludo preto de dous peles pera tumba com sua crus de sytym brãoquo com sua gornysão e seu mãoto pera debaycho e todo nesaryo pera dita tumba, item huma bamdeira conforme a de Lysboa, item que se leve a crus de prata pera dourar* (...). (ASCMS, Livro primeiro da Misericórdia de Sardeal, fl.81. Sobre as bandeiras e painéis da Misericórdia de Sardeal vide Valente, 2000).

Simultaneamente, pelo menos desde do ano de 1522, a Misericórdia de Sardeal tem por parte da Coroa o rendimento das concessões relativamente às duas arrobas de açúcar, ver: (Paiva, 2002: 2; Paiva, 2005: 136 e 161). Conforme refere Isabel dos Guimarães Sá, *O açúcar da Madeira parece ter sido a primeira esmola sistematicamente oferecida por D. Manuel às misericórdias* (...) várias misericórdias foram agraciadas com a sua concessão, numa quantidade que variava entre duas a 10 arrobas anuais. (...) D. João III continuou a distribuir açúcar, mas apenas se lhe conhecem duas novas concessões, de duas arrobas cada, às misericórdias do Sardeal e Amarante (Paiva, 2002: 29).

1522, junho 16, Lisboa. *Alvará régio pelo qual se faz doação de duas arrobas de açúcar anuais à Misericórdiada Sardeal*. Confirmado a 27 de agosto de 1548. (IANTT, Chancelaria de D. João III, liv. 55, fl. 196).

1548, agosto 26, Lisboa. *Traslado e confirmação de uma carta de mercê outorgada por D. João III à Misericórdiada Sardeal, a 16 de junho de 1522, pela qual lhe concedia 2 arrobas de açúcar*. (IANTT, Chancelaria de D. João III, liv. 55, fl. 196).

⁶ ASCMS, Livro primeiro da Misericórdia de Sardeal, fls. 83v - 84.

⁷ ASCMS, Livro primeiro da Misericórdia de Sardeal, fls. 84v - 85.

⁸ *Idem, Ibidem*.

⁹ *Idem*, fl. 85.

mudança, o projeto ainda contempla a construção de uma sacristia, enfermaria e de uma nova capela¹⁰, *hasy e da maneyra que está no debuxo feyto por mão de Castylho que en mão do provedor*¹¹.

Apesar do traçado ter sido executado por João de Castilho, a obra não ficou a seu cargo, nem por qualquer outro dos seus colaboradores. A construção deste edifício, executado em regime de empreitada, foi apregoada pelas vilas de Abrantes e Tomar e caso ninguém tomasse a obra de empreitada, a Misericórdia instituía em ata que o trabalho se realizaria segundo um sistema de jorna.

No último dia de agosto de 1550, os confrades deliberam o processo de escolha do pedreiro que irá erguer o edifício, assim como o respetivo custo da obra e as condições gerais da empreitada¹².

Ao processo de arrematação compareceram oficiais de Tomar, o pedreiro Lucas Fernandes, dito natural de Coimbra, e o oficial Gaspar Dinis, este natural da vila do Sardoal¹³. Este pedreiro encontra-se documentado nas obras da igreja da Misericórdia de Abrantes (Correia, 1949: 269; Morato, 2002: 120-123; Serrão, 2011: 641; Pinho, 2013: 247) – obras que decorrem entre 1529 e 1548. Acabando Gaspar Dinis por executar o portal lateral renascentista onde inclui uma cartela com a inscrição *Gaspar Dinis a fez* (sobre este edifício ver: Goodolphim, 1897; Cândia, 1939; Oleiro, 1952; Sousa, 1966; Silva, 2002; Campos, 2002; Morato *et al.*, 2002)

Em relação a Lucas Fernandes, dito na documentação sardoalense como sendo natural da cidade de Coimbra, desconhecemos concretamente de quem se trata. Porém, embora sem certezas e entrando no campo das hipóteses, podemos equacionar, salvo em caso de homonímia, que este Lucas Fernandes possa ser o imaginário que, em 1553, surge documentado num assento de batismos da paróquia de São Tiago: *Item a xxx dias do dito mes mayo da sobre dita era se bautizou [espaço em branco] de lucas ferz maginario e de Branca Nunez sua molher*¹⁴. Porém, tal como refere Carla Alexandra Gonçalves, são poucos os dados biográficos que se podem traçar a respeito do imaginário e tão pouco se conhece obra que se possa atribuir (Gonçalves, 2005: 624-625). Caso se trate efetivamente da mesma personagem, podemos questionar se este pedreiro/imaginário não se encontra associado ao círculo artístico do imaginário João de Ruão (Cabral, 1932: 12; Gonçalves, 2005: 624-625).

Retomemos o processo de adjudicação da obra. Na ata do último dia de agosto a confraria do Sardoal menciona que os oficiais de Tomar (a ata não indica efetivamente de quem se trata, porém pode-se pensar em pedreiros associados ao Convento de Cristo, ou à oficina de João de Castilho) realizaram um

lanço de cento e vynte mill reais com seu ho portall da pedra de Tomar posta em Tamqos e asy ho cruzeyro e degraos de pedra da terra e a misericórdia ser obrygada aramqar esa e pola ao pé da obra.

¹⁰ A sacristia e a enfermaria disponham-se paralelamente à igreja, adotando assim uma das tipologias consagradas às igrejas de Misericórdia. Sobre esta temática ver a tese de doutoramento desenvolvida por, Pinho, J. B. (2013). *As casas da Misericórdia: As confrarias da Misericórdia e a arquitetura portuguesa quinhentista*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 277-278.

¹¹ ASCMS, Livro primeiro da Misericórdia de Sardoal, fl. 85.

¹² Em 1754, Jacinto Serrão da Mota, no seu manuscrito intitulado, *Memórias restauradas do antigo lugar e Villa do Sardoal*, dá-nos conta de algumas destas notícias, revelando ter consultado os livros de contas da Misericórdia.

¹³ *Idem*, fls. 85v, 86.

¹⁴ Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), Livro de Batismos de S. Tiago, Tomo 1º, 1510-156, fl 126v: *Item a xxx dias do dito mes mayo da sobre dita era se bautizou (espaço em branco) de lucas ferz maginario e de Branca Nunez sua molher.*

Também Gaspar Dinis, *pydreiro haqy morador fyzera* outro lanço com as mesmas condições, mas num valor de cem mil reais.

Antes da decisão final, Lucas Fernandes efetua um lanço de 120.000 reais pela execução da obra com o seu portal com pedra de Tomar, toda posta em Tancos e sendo o arco do cruzeiro e os degraus da igreja executados em pedra do Sardeal, que deveria ser extraída pela própria Misericórdia. Por sua vez, Gaspar Dinis, cobre as condições apresentadas pelo pedreiro de Coimbra, mas refere que executa a obra pelo valor de 100.000 reais.

Contudo, a obra acaba por ser arrematada pelo pedreiro Lucas Fernandes após realizar um último lanço com condições que a confraria achou serem as melhores, aliás como veremos seguidamente.

Desse modo, o pedreiro natural de Coimbra tomou sob a sua mão a empreitada pelo valor de 120.000 reais, cabendo-lhe executar, segundo as determinações do pregão, o arco do cruzeiro e o portal, tudo em pedraria, comprometendo-se ainda fazer a obra do portal e respetivo arco em pedra de Coimbra, trazida toda à sua custa pelo rio de Codes¹⁵:

*foy dito que ele fazya lanço na dita obra com as condiçoyns já ditas com tall de craraçam [...] onde os outros fazyão ho portal da pedrerya de Tomar ela ha querya fazer ho arco do cruzeiro e o portado tudo da pedrerya de Coymbra posta a sua custa no rio de Codes (...)*¹⁶.

Para além do compromisso declarado por Lucas Fernandes em cumprir o estabelecido pelos outorgantes, este mesmo pedreiro terá ainda apresentado um desenho que modifica o projeto do portal e arco triunfal traçado por João de

Castilho, facto que se pode perceber pela leitura da respetiva ata: (...) *segundo amostra do portado e do cruzeiro que ele faz [Lucas Fernandes] ha quall tem mais obra que as outras hamostras* [traças de João de Castilho]¹⁷ (Fig. 4).



Fig. 4 - Sardeal, Igreja da Misericórdia, portal.

Desconhecemos qual a dimensão das modificações propostas por Lucas Fernandes ao risco inicial de João de Castilho.

Composto por um arco de volta perfeita, ladeado por pilastras onde se inscreve uma decoração de grotescos, com cartelas, elementos fitiformes e pequenos músicos, o portal assume um risco claramente clássico com recurso à tratadística

¹⁵ O rio de Codes, hoje conhecido como ribeira de Codes, é um afluente do rio Zêzere e corre a escassos quilómetros do Sardeal.

¹⁶ ASCMS, Livro primeiro da Misericórdia de Sardal, fl. 86.

¹⁷ *Idem*, fl. 86 e 86v.

(comparativamente com o discurso que é efetuado no convento de Cristo neste período, o portal do Sardoal assume-se no plano arquitetónico algo conservador) (Fig. 5).



Fig. 5 - Sardoal, Igreja da Misericórdia, portal, coluna adossada.

Na parte superior, destacam-se os *tondi* que pelo seu cinzel revelam uma mão segura e treinada na modelação das carnações, facto que é replicado do mesmo modo nas representações existentes no arco do cruzeiro. A fantasia clássica revela-se ainda nos relevos do entablamento, onde sobressaem animais fantásticos e enrolamentos de folhagem que se dispõem de forma simétrica sobre o espaço. A encimar a estrutura encontramos a iconografia da *Mater Omnium* (Fig. 6) ladeada por dois óculos.

Na realidade, o discurso decorativo que se plasma no portal revela algum grau

de erudição artística, porém não apresenta qualquer dificuldade de conceção para um imaginário treinado e conhecedor deste repertório gráfico.

A par da decoração, a estrutura do portal baseia o seu risco na tratadística, onde sobressai o discurso gráfico das *Medidas del Romano de Sagredo* (mas também poderíamos destacar outras fontes como a obra de Fra Giocondo, ou até mesmo de Serlio). A utilização evidente da tratadística, como seja a de Sagredo, é visível no modelo das colunas-balaústre que se encontram adossadas ao arco do portal.

Como referimos, a documentação sugere que o projeto do portal e arco triunfal traçado por João de Castilho terão sido alterados por Lucas Fernandes. Observando o modelo utilizado, a tipologia escultórica que cobre as pilastras, os *tondi* e a representação típica da *Mater Omnium* (Serrão, 1998; Serrão, 2011: 650) recordam-nos uma linguagem que se aproxima ao discurso efetuado pelo ciclo oficial do imaginário coimbrã, João de Ruão, embora a obra Lucas Fernandes seja menos erudita, e o tratamento escultórico menos preciso. Contudo, parece-nos evidente as aproximações entre Lucas Fernandes e o ciclo artístico de ruanesco.



Fig. 6 - Sardoal, Igreja da Misericórdia, portal, *Mater Omnium*.

Em 1551, a 5 de julho, encontramos outras informações sobre o que se devia executar no edifício. Nessa data os mesários deliberam o modo como devia ser construído o interior: *visto como esta hobra desta casa esta começada (...) da pedrarya d'alvenarya*, determinou-se que se fizessem de bordos as portas principais da igreja, *se fyzese coro e forase toda a igreja de bordos e asy portas d'henfermaria do mesmo foro de bordos*. É ainda determinado que toda a obra, interior e exterior, *fyque branqua e bem feyta*, e que se faça *huma vydraça pera a capella de cores e feguras*¹⁸.

No início do ano de 1552 voltamos a encontrar notícias relativamente às intervenções no acesso ao espaço da Misericórdia e sua respetiva envolvente. Todavia, as obras que se seguem já não são da responsabilidade de Lucas Fernandes, mas sim de Gaspar Dinis.

A notícia data de 2 de fevereiro de 1552¹⁹ e trata-se do acordo que os mesários realizam com os pedreiros Gaspar Dinis, João Fernandes e Diogo Fernandes para a execução da empreitada dos *degraos da porta pryncypal desta Casa* especificando-se que *hãode ser de três hentradas com o seu taboleiro em çima e serão quantos forem neçeçaryos*. Acrescente-se a realização de um *tavoleiro* com a largura de oito palmos. Refere ainda o documento de *Obrigaçãõ* que todos os *degraos hãode ser de pedrarya dos Cabeços das Mós e serão de pedra rija*. Tendo os irmãos da Misericórdia a seu cargo todas as custas e responsabilidade de trazer a pedra dos degraus da pedreira até à obra e *darão mais a cal, areia e saybro que lhe neçeçaryo for he pedra para seu talhar e tudo posto ao pé da hobra*. Por seu lado, os

pedreiros encontram-se obrigados a fazer toda a obra até os degraus *serem asentados e aquabados e darão a servenya e asy d'agoa e call*, ficando ainda obrigados a tirar todo o entulho e fazer a calçada necessária, toda a obra ficou orçada em 12000 reais.

A 19 de março do mesmo ano, voltamos a observar uma adenda contratual à determinação anterior, tudo por motivos de acessibilidade e mobilidade: *por acharem que sãoo muito necessários pela maneira correnteza que tinha a rua e ficariam os degraus muito íngremes*²⁰. Assim, de modo a evitar a inclinação excessiva da escadaria, os pedreiros foram obrigados a *Fazer mais tres degraos pela banda de syrna todos torniados alem dos cinco que erão obrigados*, tudo sob o custo de mais 5 000 reais.

No dia 8 do mês de maio de 1552²¹, *por ora eles hos ditos degraos serem de todo acabados*, a Misericórdia, através do seu provedor Gil Vaz, procedeu ao pagamento integral do montante estabelecido pelos dois contratos: total de 17 000 reais.

Ainda em maio deste mesmo ano, chega-nos uma última informação relativamente ao espaço da Misericórdia. O dado remete-nos para a doação testamental de Mateus Mendes, no valor 3000 reais *para huns orgãos os quais se farião quando se acabasse as obras da dita Casa ou quando em essa os mandassem fazer*²².

Em guisa de conclusão, as linhas que acabamos de traçar permitem dissipar por completo a questão de atribuição da obra de escultura a Nicolau de Chanterene e ao mesmo tempo a

¹⁸ ASCMS, Livro primeiro da Misericórdia de Sardeal, fl. 88.

¹⁹ *Idem*, fls. 396v-398. Tem este contrato de obrigação foi realizado sob provedoria de Gil Vaz, cavaleiro, e contou com as seguintes testemunhas: Pedro Afonso, *espiritaleiro*, Álvaro Fernandes, carpinteiro e Bastiam Dias, todos moradores na vila do Sardeal.

²⁰ *Idem*, 398v-399.

²¹ *Idem*, fl. 399.

²² *Idem*, fl. 399v.

documentação remanescente clarifica outras questões inerentes a este espaço arquitetónico da vila do Sardoal, como seja: o portal e restante obra não data de 1511, mas sim dos anos cinquenta do século XVI; João de Castilho e a sua oficina são os responsáveis pela traça do edifício e de um portal que nunca foi materializado. O pedreiro responsável pela concretização da obra foi Lucas Fernandes, pedreiro natural de Coimbra, acabando este por reformular o projeto inicial do portal da igreja da Misericórdia de Sardoal.

Ao mesmo tempo que temos estas clarificações, abrem-se outras perspetivas em torno deste edifício, sobretudo no que diz respeito ao contexto da geografia ofical. Abrindo-se assim, a possibilidade do pedreiro Lucas Fernandes ser o mesmo que se encontra documentado em Coimbra, logo, podendo este pedreiro estar na órbita da escola ruanesca. Por outro lado, com a identificação dos diversos protagonistas nas obras da Igreja da Santa Casa da Misericórdia do Sardoal é possível ampliar a cartografia dos mestres na paisagem arquitetónica/escultórica portuguesa da primeira metade do século XVI.

FONTES DOCUMENTAIS

Arquivo da Santa Casa Misericórdia de Sardoal (ASCMS), *Livro Primeiro da Misericórdia de Sardoal*.

Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), *Livro dos Baptismos de S. Tiago*, Tomo 1º, 1510-1569.

Arquivo Municipal do Sardoal (AMS) - *Memórias restauradas do antigo lugar e villa do Sardoal*, manuscrito elaborado por Jacinto Serrão da Mota, 1754.

BIBLIOGRAFIA

CABRAL, A. (1932). Da instituição dos Registos Paroquiais em Portugal. *Arqueologia e história*, 10, pp. 5-20.

CAMPOS, E. (2002). *Memória Histórica da Notável Vila de Abrantes para servir de começo aos Anais do Município*. Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes.

CÂNCIO, F. (1939). *Ribatejo Histórico e Monumental*. Lisboa: Junta de Província do Ribatejo, vol. III.

CORREIA, V. (1949). *Obras: estudos da história da arte: arquitectura*. Coimbra: Universidade de Coimbra, vol. II.

COSTA, G. (1882). *Esboço Chorographico do Sardoal*. Lisboa: Typographia da viúva Sousa Neves.

CRAVEIRO, M. (2004). Estratégias decorativas na arquitectura ao tempo de D. Manuel. *III Congresso Histórico de Guimarães: D. Manuel e a sua época: actas*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, vol. IV, pp. 57-70.

CRAVEIRO, M. (2009). A Arquitectura "ao Romano". In D. Rodrigues (coord.) *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX*, vol. 9. Lisboa: Ed. Fubu.

DIAS, J. (1998). *Chancelarias portuguesas: D. Duarte*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova. vol. I, tomo 2.

GONÇALVES, C. (2005). *Os escultores e a escultura em Coimbra, uma viagem além do renascimento*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

GONÇALVES, L. (1992). *Sardoal do Passado ao Presente*. Sardoal: Câmara Municipal de Sardoal.

GOODOLPHIM, C. (1897). *As Misericórdias*. Lisboa: Imprensa Nacional.

MARKL, D. (1986). *História da Arte em Portugal - O Renascimento*. Lisboa: Alfa, vol. VI.

MATOS, J. (2010). *Livro Primeiro da Misericórdia de Sardoal*. Sardoal: Santa Casa da Misericórdia de Sardoal.

MOLEIRINHO, F. (2000). *Santa Casa da Misericórdia de Sardoal: a instituição e a sua actividade*. Sardoal: Câmara Municipal Sardoal.

MORATO, M. (coord.) (2002). *Memória Histórica da Notável Vila de Abrantes*. Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes.

OLEIRO, D. (1952). *Abrantes Notas Históricas*, s.e., s.l.

PAIVA, J.P. (coord.) (2002). *Portugaliae monumenta misericordiarum*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas, vol. I.

PAIVA, J.P. (coord.) (2003). *Portugaliae monumenta misericordiarum*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas, vol. II.

PAIVA, J.P. (coord.) (2004). *Portugaliae monumenta misericordiarum*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas, vol. III.

PAIVA, J.P. (coord.) (2005). *Portugaliae monumenta misericordiarum*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas, vol. IV.

PINHO, J. B. (2013). *As casas da Misericórdia: As confrarias da Misericórdia e a arquitectura portuguesa quinhentista*. Tese de Doutoramento: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SEQUEIRA, G. M. (1949). *Inventário Artístico de Portugal* - Distrito de Santarém. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, vol. III.

SERRÃO, V. (1998). Sobre a iconografia da Mater Omnium: a pintura de intuitos assistenciais nas Misericórdias durante o século XVI. *Oceanos*, n.º 35, pp. 134-144.

SERRÃO, V. (2011). Iconografia da Mater Omnium na arte portuguesa: do culto do Espírito Santo ao de "Nossa Senhora da Misericórdia" (séculos XVI-XVIII) . *A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no mundo de expressão portuguesa*. Porto: CEPESSE, D.L. pp. 635-652.

SILVA, J. C. (2000). *Abrantes – a vila e o seu termo no tempo dos Filipes*. Abrantes: Edições Colibri /Câmara Municipal de Abrantes.

SILVA, R. J. (2018). *O Paradigma da Arquitetura em Portugal na Idade Moderna. Entre o Tardo-Gótico e o Renascimento: João de Castilho "O Mestre que amanhece e anoitece na Obra"*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SOUSA, A. (1966). *A Santa Casa da Misericórdia de Abrantes nos séculos XVI e XVII*. Tese de Licenciatura, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.